

Excursão na Teologia Natural (Parte 17): O Argumento Teleológico 4/4

Seção 04 / Aula 17

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 03/07/2024, 18:00:15 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-01-27

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

A melhor explicação do ajuste fino

Hoje nós vamos concluir nossa discussão sobre o argumento para um Designer do universo com base no ajuste fino do universo. Provavelmente terminaremos mais cedo hoje, a menos que haja um grau considerável de discussão que vocês queiram ter sobre este material. Agora, vimos da última vez que nem o acaso e nem a necessidade física fornecem uma explicação plausível para o notável ajuste fino do universo, para a existência de observadores corporificados e conscientes. Essas explicações são altamente improváveis, altamente implausíveis. Mas não podemos inferir imediatamente o design porque às vezes pode ser justificado acreditar em uma explicação improvável. Você estaria justificado em acreditar em alguma explicação improvável caso não houvesse uma explicação melhor disponível para o fenômeno em questão.

Para pegar um exemplo que David Manley usou, imagine alguém em um jogo de beisebol no home plate com seu bastão e ele acerta a bola por cima da cerca e acerta um pombo que passava voando. Isso seria incrivelmente improvável. E, no entanto, você provavelmente diria que foi apenas por acaso que ele acertou o pombo. Por que essa explicação de acaso para este evento altamente improvável é aceitável? Porque não há uma explicação melhor disponível nesse caso. A ideia de que o bateador mirou no pombo e planejou acertá-lo ao balançar o bastão para que a bola acertasse o pombo é ainda mais incrível e inacreditável. Você não pode acertar um pombo com uma bola de beisebol ao balançar um bastão e tentar acertá-lo.

Portanto, no caso de não haver uma explicação melhor disponível, aceitar a explicação altamente implausível pode ser justificado. Mas suponha que uma explicação melhor esteja disponível? Para ilustrar, suponha que haja alguém de pé com um rifle no home plate e ele atira em um pombo no campo distante e o mata. Nesse caso, seria enormemente improvável dizer que ele estava lá parado e simplesmente atirou aleatoriamente no ar e acertou o pombo. Você não aceitaria essa explicação. Por quê? Porque há uma explicação melhor disponível, a saber, o homem mirou para acertar o pombo e poderia fazer com um rifle o que você não poderia fazer com um bastão de beisebol, ou seja, mirar no pombo e derrubá-lo.

Nesse caso, a explicação improvável (ou seja, foi apenas por acaso que ele atirou no pombo) não seria a melhor explicação porque há uma explicação melhor disponível. Então a questão que estamos enfrentando agora em relação ao ajuste fino do universo é: o design é uma explicação melhor do que o acaso ou a necessidade física? Se for uma explicação melhor, então devemos adotá-la. Mas se for tão implausível, tão improvável, quanto o acaso ou a necessidade,

então não teria vantagem sobre elas. Então, vamos nos perguntar quais objeções podem ser levantadas contra a inferência de que há um designer inteligente do cosmos que ajustou finamente o universo para permitir a vida.

O argumento de Dawkins em seis etapas

Bem, às vezes, os detratores do design objetam à hipótese do design porque o Designer cósmico em si permanece inexplicado. Isso dá uma explicação do design no universo, mas e quanto ao Designer cósmico? Qual explicação há para o seu design? Isso é o que Richard Dawkins chama de "o argumento central do meu livro: A Desilusão de Deus.^[1]" Aqui está como ele resume este argumento (que é, novamente, o argumento central de todo o livro, A Desilusão de Deus) em seis etapas, como segue: (1) um dos maiores desafios para o intelecto humano tem sido explicar como a aparência complexa e improvável de design no universo surge. Vou ler novamente.

Um dos maiores desafios para o intelecto humano tem sido explicar como a aparência complexa e improvável de design no universo surge. (2) a tentação natural é atribuir a aparência de design ao próprio design real. A tentação natural é atribuir a aparência de design ao próprio design real. (A razão pela qual o universo parece projetado é porque há um Designer.) (3) a tentação é falsa porque a hipótese do Designer imediatamente levanta o problema maior de quem projetou o Designer. Então a tentação é falsa. Uma que devemos resistir porque a hipótese do Designer imediatamente levanta o problema maior de quem projetou o Designer. (4) a explicação mais engenhosa e poderosa é a evolução darwiniana por seleção natural.

(Aqui ele está falando sobre complexidade biológica - a aparência de design em animais e plantas). E ele diz que a explicação mais engenhosa e poderosa é a evolução darwiniana por seleção natural. (5) nós não temos uma explicação equivalente para a física. (Aqui ele está falando sobre ajuste fino. Ele não está mais falando sobre esses exemplos de aparência de design nos reinos animal e vegetal. Aqui ele está falando sobre física e o ajuste fino dessas constantes fundamentais e quantidades para o universo). E ele diz, número cinco, não temos uma explicação equivalente para a física. (6) não devemos perder a esperança de que uma melhor explicação surja na física, algo tão poderoso quanto o darwinismo é para a biologia (não perca a esperança!).

Número seis é que não devemos perder a esperança de que uma melhor explicação surja na física, algo que será tão poderoso quanto o darwinismo foi para a biologia. Conclusão: Portanto, Deus quase certamente não existe.

Invalidade e alcance da conclusão

Agora, acho que todos nesta aula acharão essa conclusão chocante porque a conclusão ateísta “Portanto, Deus quase certamente não existe” não decorre das seis declarações anteriores, mesmo que concedamos que cada uma delas seja verdadeira. Não há regras de lógica que permitiriam derivar tal inferência. Não há regras de lógica que permitiriam tirar essa conclusão ateísta da verdade dessas seis declarações. Então o argumento de Dawkins é simplesmente inválido. O argumento central de A Desilusão de Deus é um argumento patentemente inválido. No máximo, o que poderia resultar do argumento de Dawkins? No máximo, acho que o que seguiria é que não deveríamos inferir a existência de Deus com base na aparência de design no universo.

Não deveríamos inferir que há um Designer cósmico com base na aparência de design no universo. Isso seria o máximo, acho, que seu argumento provaria se todas as suas premissas fossem verdadeiras. Mas observe que essa conclusão é totalmente compatível com a existência de Deus, e é até compatível com acreditar justificadamente na existência de Deus. [A ideia] de que não devemos inferir um Designer com base na aparência de design não diz nada sobre se Deus existe ou não. É totalmente compatível com a existência de Deus. Talvez devêssemos acreditar em Deus, não com base no argumento do design, mas talvez devêssemos acreditar em Deus com base no argumento cosmológico ou no argumento da contingência ou no argumento moral.

Talvez nossa crença em Deus não seja baseada em argumentos. Talvez seja propriamente básica, fundamentada em nossa experiência religiosa ou na revelação divina. O ponto é que rejeitar argumentos de design para a existência de Deus não faz nada para provar que Deus não existe ou mesmo que a crença em Deus é injustificada. A falta de profundidade filosófica de Dawkins está claramente à mostra aqui.

Discussão: naturalismo, biologia e teísmo

Alguma discussão ou pergunta sobre a invalidade do argumento de Dawkins? Sim. Vamos levar o microfone até Kevin e ouviremos seu comentário.

Aluno: Muitas vezes, teístas, quando dão argumentos para a existência de Deus, são acusados de "Deus-das-lacunas". Quando ele diz "devemos esperar por uma melhor explicação", isso não é "ateísmo-das-lacunas"?

Dr. Craig: Acho que você está certo. Lembre-se de que a declaração (6) foi “não devemos perder a esperança de que uma melhor explicação surja na física.” Acho que isso é naturalismo-das-lacunas. Não temos uma explicação agora, mas não percam a esperança. Não há razão para pensar que tal explicação surgirá. Sim, acho que o ditado "pau que bate em Chico bate em Francisco" cabe bem aqui. Observe que o que estamos usando como evidência é para argumentar que a necessidade física e o acaso não são boas explicações. Muitos cientistas concordariam com essas conclusões. O próprio Dawkins concordaria que a necessidade física não é uma boa explicação. Ele apresentará argumentos contra pensar que o ajuste fino é devido à necessidade física.

Por outro lado, muitos astrofísicos dirão que o acaso não é uma boa explicação. Eles manterão a esperança para uma explicação física e necessidade física. Mas eles rejeitarão a explicação

do acaso ou hipóteses do multiverso. Cientistas seculares rejeitarão muitas vezes o acaso e a necessidade física como explicações para o ajuste fino. Não acho que haja um raciocínio de "Deus-das-lacunas" aqui. Mas eu acho que você está certo ao ver isso como uma espécie de "naturalismo-das-lacunas."

Aluno: Duas coisas. Primeiro de tudo, ele rejeita o elemento-chave do método científico, que é a observação. Ele diz que você não pode confiar em suas observações. Se o biosistema parece ser projetado, você está rejeitando observações se disser que não pode presumir um design. E então, em segundo lugar, bem...

Dr. Craig: Deixe-me dizer algo a favor dele aqui. Ele não nega a aparência de design. Ele concorda que nossas observações são de que o mundo é aparentemente projetado. Mas como vimos, ele acha que há uma boa explicação naturalista para isso para que você não precise recorrer a uma explicação sobrenatural. Lembre-se de que ele acha que a evolução darwiniana baseada na seleção natural explicará a complexidade biológica. E se isso faz isso, então por que recorrer a Deus? Além disso, como vimos, ele tem um argumento – uma objeção – contra a hipótese divina, ou seja, deixa sem resposta a questão "Quem projetou o Designer?" Acho que ele está apresentando um argumento aqui.

Ele não está apenas negando o método científico que deveríamos seguir com base na observação. Vá em frente. Qual é o seu segundo ponto?

Aluno: Relacionado a isso, por que você teria mais confiança em observações relacionadas à evolução se não pudesse tirar conclusões do peso de suas observações? Em segundo lugar, por que a evolução ou qualquer naturalismo ou materialismo seria uma explicação melhor para o que você observa? Eu não vejo como isso prosseguiria.

Dr. Craig: Obviamente, nesta parte da aula, não estamos discutindo evidências de um Designer com base na biologia. Fizemos um dríble em torno disso para voltar às condições iniciais da física. Quando chegarmos à parte do curso sobre a doutrina da criação, vamos abordar essa questão novamente. Está na série Defenders 2, se alguém estiver interessado em olhar para isso. Nós revisitaremos isso novamente à medida que chegarmos a isso no Defenders 3.

Aluno: Estou perplexa com a conclusão de Dawkins com base nesses seis pontos. Que regra lógica ele está pretendendo usar nisso, e o que ele diz quando você diz que essa não é uma conclusão razoável?

Dr. Craig: Ele nunca respondeu às minhas críticas. Eu as publiquei. Sua resposta para mim é que eu sou um homem odioso. [risos] Mas isso é tudo.

Aluno: Essa conclusão também não se segue!

Dr. Craig: Realmente é notável pensar que você poderia conceder todas essas seis declarações e a conclusão não seguiria.

Aluno: Por qualquer regra lógica.

Dr. Craig: Não. Nada que permitiria isso. Vamos para a Cindy aqui.

Aluno: Antes de fazer minha pergunta, você pode repetir o desafio como ele declarou?

Dr. Craig: O desafio, se eu acho que entendi o que você quer dizer, é número (3), que diz que devemos resistir à tentação de inferir um designer porque isso deixa sem resposta a questão “Quem projetou o Designer?”

Aluno: Ok, eu acho... Bem, o ponto que eu estava tentando fazer é que acho que ao conhecer Dawkins a verdadeira crença fundamental, “Não há Deus”, parece-me que ele está tentando encontrar uma explicação para não contradizer a crença dele. Para ele, o darwinismo foi a resposta para explicar o desenvolvimento da vida, e suas formas de vida. Portanto, ele acha que para a física deve haver uma explicação que ainda não vimos. Então acho que em sua, não sei, ele diz que a conclusão é que Deus não é provável, não é a causa provável, mas apenas parece que ele está... não sei, talvez eu esteja perdendo.

Dr. Craig: Mas essa não é conclusão dele, Cindy. A conclusão é: “Portanto Deus quase certamente não existe.”

Aluno: Certo, eu sei...

Dr. Craig: Se você estiver certa sobre ele pressupor isso, ele está argumentando em um círculo então. É circular.

Aluno: Ele está. Acho que todo o ponto é que ele decidiu, sei lá como, que Deus não existe, então ele está tentando explicar de forma circular por que não há Deus. Temos duas áreas para nos preocupar – a física e a biológica. Ele explicou para si mesmo do lado biológico e disse: Veja, encontramos o darwinismo para explicar esse lado. Nós apenas não encontramos o outro ainda.

Dr. Craig: Eu posso entender alguém argumentando, “Dado o naturalismo, dado o ateísmo, a melhor explicação da complexidade biológica é a evolução darwiniana.” Na verdade, Philip Johnson, que iniciou o movimento do design inteligente, concorda com isso. Ele diz, se eu fosse um naturalista, eu diria que a melhor explicação é o darwinismo. Mas, é claro, isso levanta a questão se o naturalismo e o ateísmo são verdadeiros. A maneira como Dawkins apresenta isso é como uma objeção ao argumento do design. Isso não é uma discussão de criação/evolução. Este é o capítulo dele sobre argumentos para a existência de Deus. Ele quer refutar o argumento do design, e você não pode fazer isso argumentando em um círculo.

Certo?

Aluno: Correto. Isso. Esse é o ponto.

Dr. Craig: Ok, Dennis.

Aluno: Eu entendo que o teólogo ortodoxo David Bentley Hart diz que o design inteligente – ele não gosta disso, ele não acha que é uma solução para seu intercâmbio com Dawkins. Tentei encontrar algo por escrito, mas tudo o que temos é um vídeo do YouTube de David Bentley Hart dizendo que ele não gosta . . . design inteligente é má teologia. E eu só queria saber se você sabia mais sobre o que ele tinha dito.

Dr. Craig: Apenas um pouco. Kevin e eu gravamos um podcast esta semana sobre a alegação de David Bentley Hart de que pessoas como Alvin Plantinga, Richard Swinburne e eu defendemos algo chamado personalismo teísta. Ou seja, você pensa em Deus como uma

pessoa que intervém no mundo para trazer, por exemplo, vida inteligente ou algo do tipo. Hart é um tomista que pensa em Deus em termos muito abstratos – como o ato puro de ser. No tomismo, realmente não temos nenhum conhecimento positivo da essência de Deus porque Deus é o ato puro de ser e, portanto, não pode ser compreendido pelo intelecto. Há uma espécie de agnosticismo sobre a natureza de Deus que acompanha o tomismo.

Isso, entre outras coisas, me inclina a não aceitar o tomismo. Eu não gosto dessa teologia. Provavelmente isso se reflete em sua alegação de que esta é uma teologia inadequada porque não é tomista (suspeito).

Aluno: Qual é o título do podcast que aborda isso?

Dr. Craig: Não sei qual será o título.

Aluno: Como vou encontrá-lo?

Dr. Craig: Você ouvirá nossos podcasts da Reasonable Faith todas as segundas-feiras nas próximas semanas. [riso] Eventualmente, na fila, aparecerá este podcast^[2] gravado sobre David Bentley Hart e sua crítica ao personalismo teísta. Mas onde Kevin o coloca na fila, isso depende dele. O que está em voga na cultura chegará ao início da fila. Isso vai acontecer em algum momento. Um próximo ao início da fila que devo dizer que é interessante para assistir é sobre a controvérsia decorrente da demissão de Wheaton College de um de seus professores por dizer que os muçulmanos adoram o mesmo Deus que os cristãos. O filósofo cristão Frank Beckwith da Universidade de Baylor defendeu-a dizendo que os cristãos adoram o mesmo Deus que os muçulmanos.

Estou respondendo ao artigo de Frank neste podcast e mostrando por que acho que seu argumento falha. Esse também será interessante de ver.

Quem projetou o Designer?

Tudo bem. Bem, falamos sobre a invalidade do argumento de Dawkins, ou seja, mesmo concedendo a verdade dessas seis etapas a conclusão não se segue. Mas e essas seis etapas? Elas são verdadeiras? O argumento dele tem sucesso em minar o argumento do design? Eu não acho que funcione de forma alguma porque acho que algumas das etapas no argumento de Dawkins são claramente falsas. Observe que a etapa (5), que diz que não temos uma explicação equivalente para a física, é uma referência ao ajuste fino de que falamos. E Dawkins admite que ele não tem nada como uma explicação para isso, e então a esperança expressa na etapa (6), que não devemos perder a esperança de uma melhor explicação, não é nada mais do que a fé de um naturalista.

É a fé do naturalista de que alguma explicação surgirá. Além disso, considere a etapa (3) do argumento. Foi que a tentação de inferir o design é falsa porque a hipótese do Designer imediatamente levanta o problema maior: quem projetou o Designer? Sua afirmação aqui é que você não está justificado em inferir o design como uma explicação da ordem complexa do universo porque então surge um novo problema, ou seja, quem projetou o Designer? Tenho alguns problemas com essa etapa do argumento. Primeiro, essa afirmação é falha, acho eu, em pelo menos dois pontos. Primeiro, para reconhecer uma explicação como a melhor, você não precisa ter uma explicação da explicação.

Este é um ponto elementar na filosofia da ciência. Por exemplo, se arqueólogos cavando no chão encontrassem coisas parecendo fragmentos de cerâmica e pontas de flechas e cabeças de machado, eles estariam justificados em inferir que esses eram de fato artefatos deixados por um grupo perdido de pessoas em vez de produtos de sedimentação e metamorfose, mesmo que não tivessem absolutamente nenhuma ideia ou explicação de quem eram essas pessoas. Ou, da mesma forma, se astronautas encontrassem um monte de máquinas no lado oculto da lua, eles estariam justificados em inferir que isso foi deixado lá por agentes inteligentes, mesmo que não tivessem ideia de quem eram esses agentes ou como chegaram lá.

Para reconhecer uma explicação como a melhor, você não precisa ter uma explicação da explicação. Você poderia me trazer um copo de água para molhar a garganta ou algo líquido? O quê? Então, você não precisa ter uma explicação da explicação para reconhecer que uma explicação é a melhor. Na verdade, se você pensar bem, esse requisito levaria a um regresso infinito de explicações para que nada jamais fosse explicado! Pois antes que qualquer explicação pudesse ser aceita como a melhor, você precisaria ter uma explicação da explicação, mas antes que você pudesse aceitar isso, precisaria de uma explicação, da explicação, da explicação. E assim por diante. Nada jamais poderia ser explicado e a ciência seria destruída!

No caso em questão, para reconhecer que o design inteligente é a melhor explicação para a aparência de design no universo, você não precisa ser capaz de explicar o Designer. Se o Designer tem uma explicação pode simplesmente ser deixado como uma questão em aberto para investigação futura.

Simplicidade e explicação

Segundo problema com a etapa (3), Dawkins pensa que no caso de um Designer divino do universo, o Designer é tão complexo quanto a coisa a ser explicada, portanto, nenhum avanço explicativo é feito. Esta objeção levanta todas as sortes de questões sobre o papel desempenhado pela simplicidade na avaliação de explicações concorrentes. Por exemplo, há muitos outros fatores que os cientistas consideram além da simplicidade quando ponderam a questão de qual explicação é a melhor. Por exemplo, eles considerarão o escopo explicativo, ou o poder explicativo, ou outras virtudes teóricas. Uma explicação que tenha um escopo explicativo mais amplo pode ser preferida a uma explicação mais simples simplesmente porque explica mais coisas.

Então a simplicidade não é o único, ou mesmo o mais importante, critério na avaliação de teorias. Mas podemos deixar essas questões de lado. O erro fundamental de Dawkins reside em sua suposição de que um Designer divino é tão complexo quanto o universo. Isso é claramente falso. Como uma mente pura sem um corpo, Deus é uma entidade notavelmente simples. Uma mente (ou alma) não é um objeto físico composto de partes. Em contraste com o universo contingente e diversificado com todas as suas constantes e quantidades inexplicáveis, uma mente divina é surpreendentemente simples. Agora, certamente é verdade que tal mente pode ter ideias complexas – poderia estar pensando, por exemplo, no cálculo infinitesimal – mas a própria mente é uma entidade notavelmente simples não tendo partes das quais é composta.

Dawkins evidentemente confundiu as ideias de uma mente, que podem, de fato, ser complexas, com uma mente em si, que é uma entidade notavelmente simples. Então, na verdade, postular uma mente divina por trás da aparência de design no cosmos na verdade representa um avanço

na simplicidade. É uma explicação mais simples do que apenas dizer que o universo é ajustado da maneira que é por acaso. Portanto, o argumento dele falha em vários aspectos. Não é verdade que a simplicidade seja o fator mais importante ou único na avaliação de explicações, e além disso, a explicação de uma mente divina é mais simples do que o universo complexo e diversificado.

Portanto, parece-me que das três alternativas diante de nós – necessidade física, acaso ou design a mais plausível dessas três é o design.

Discussão sobre Trindade e simplicidade

Algum comentário ou pergunta sobre essas objeções ao argumento de Dawkins? Cody.

Aluno: Uma coisa que eu estava pensando... Eu sei que o argumento não argumenta para um conceito cristão específico de Deus, mas ainda estava pensando - considerando que somos cristãos aqui e você estava falando sobre uma mente é uma coisa simples - mas também acreditamos que Deus é uma Trindade (três pessoas, um ser). E se alguém disser: "Você acredita que Deus é uma Trindade, mas isso não parece uma explicação simples – essa ideia de três pessoas em um ser." Isso não entra no argumento?

Dr. Craig: Acho que você não estaria justificado em inferir a Trindade como a melhor explicação do design. Acho que isso é certo. Isso seria uma hipótese ad hoc para a qual não há justificativa. Isso dá a você um Designer pessoal e inteligente do universo, mas se ele é uma Trindade ou não, isso vai depender da revelação divina ou de outros fatores. O argumento não tira a conclusão de que, portanto, uma Trindade é a melhor explicação para a aparência de design. Elizabeth.

Aluno: Estou escrevendo um capítulo sobre filosofia da neurociência agora. Está na minha mente.

Dr. Craig: Estou feliz que você admita que tem uma mente.

Aluno: Desculpe. Ok. Eu não queria fazer isso. Juro... é difícil. Preciso evitar... Então, de qualquer forma, para mim, parece que a simplicidade raramente é sequer uma consideração tanto do ponto de vista filosófico (tentando explicar fenômenos físicos) ou apenas um ponto de vista do método científico. Em vez disso, validade incremental ou poder explicativo adicional oferecidos por uma explicação de algum tipo de fenômeno ou entidade são realmente o que importa porque é isso que evita apenas detalhes desnecessários, redundantes ou forçados.

Dr. Craig: Você disse bem. Como indiquei, este apelo à simplicidade da parte de Dawkins levanta uma série de questões sobre quais são as virtudes teóricas de teorias científicas que tornariam uma preferível a outra. Eu acho que um dos pontos que você está destacando aqui é que Dawkins confunde a simplicidade da hipótese com a simplicidade da entidade que a hipótese postula. E uma hipótese pode ser muito simples em termos de seu poder explicativo. Isso não adiciona esses dispositivos ad hoc, como a explicação é uma Trindade, ou que é roxo. Isso seria uma violação da Navalha de Occam ou simplicidade. Você não quer postular mais causas do que são necessárias para explicar o efeito.

Isso é o que você está apontando. Mas as causas que você postula podem ser entidades bastante complexas - moléculas de DNA e todas as outras coisas. Você está absolutamente certa em dizer que há uma confusão, acho eu, acontecendo na mente de Dawkins. Mas aí está.

Aluno: Oi, sou Scott.

Dr. Craig: Oi, Scott.

Aluno: A explicação da explicação o argumento para mim soa como uma criança de três anos perguntando aos pais repetidamente. Mas ele não corre para o mesmo problema de precisar de uma explicação da explicação? Isso não se aplica apenas ao Designer. Aplica-se aos mecanismos do mundo naturalista também. Você acaba chegando a um começo em algum lugar.

Dr. Craig: Você está absolutamente certo.

Aluno: Onde Dawkins acaba com as três opções? Não é design. Então, onde ele termina nas outras duas? Ele está indo com acaso lá?

Dr. Craig: Eu não acho que ele tem alguma explicação para o ajuste fino. Tudo o que ele tem é uma esperança de que algo surja na física que seja comparável em poder à evolução darwiniana na biologia. Ele veria a evolução darwiniana como uma combinação de acaso e necessidade. As mutações, acho que ele diria, ocorrem por acaso, e então a seleção natural opera de forma determinística nas mutações aleatórias para eliminar aqueles que são inadequados e não podem sobreviver na luta pela sobrevivência. Então ele veria essa explicação como uma espécie de combinação de acaso e necessidade. Mas ele não oferece nada em relação ao ajuste fino. Ele admite que não tem uma explicação.

Aluno: Eu me pergunto o que você acha sobre uma potencial réplica que você poderia receber sobre a ideia de que a mente é simples. Claro que não é composto de partes. Eu concordaria. Mas parece-me que pode haver mentes menores e maiores no sentido de que podem variar em suas faculdades e como essas faculdades se relacionam umas com as outras. Você sabe, eu poderia ter, minhas crenças poderiam informar meus desejos. Talvez complexo não seja a palavra certa para usar, mas nossas mentes são certamente mais complexas em suas faculdades racionais do que qualquer mente animal que possa existir. Por outro lado, na outra extremidade do espectro, a mente de Deus é talvez potencialmente infinitamente mais complexa (talvez complexa não seja a palavra certa para usar), mas em suas faculdades e como essas faculdades podem funcionar umas com as outras.

Mesmo com uma única mente, você não pode ter graus variados de faculdades complexas ou faculdades adicionais?

Dr. Craig: Eu diria duas coisas em resposta a isso. Primeiro, a maneira como o próprio Dawkins define simplicidade é em termos de composição física. Se você olhar para a forma como ele discute sua objeção, ele está dizendo que coisas que são compostas de partes são mais complexas do que coisas simples como elétrons, por exemplo. É o próprio conceito de simplicidade dele que está em jogo aqui na objeção. Mas, em segundo lugar, eu diria que mesmo que uma alma ou mente possa ter complexidade em relação às suas faculdades como intelecto, volição, talvez emoção, ainda assim isso não é muito complexo. Podem ser faculdades

muito poderosas, mas não vejo que isso seja uma complexidade censurável que seria algo como a complexidade de um universo ajustado.

Lembre-se das probabilidades de que falamos, 1 em 10^{120} e assim por diante. Não há nada comparável a isso nas faculdades que Deus tem, eu diria. Pelo menos, o que poderíamos dizer é que não há razão para postular esse tipo de complexidade em tal argumento de design. Não estamos afirmando isso, então chegamos a um Designer relativamente simples. Sim?

Aluno: Estou um pouco perplexo com esse argumento da simplicidade. Entendo que no argumento do design dizemos, pegamos todas essas partes simples e as colocamos juntas de uma maneira única que não pode evoluir. Nenhuma dessas partes fará isso. Nenhuma delas tem qualquer valor. Mas quando eu as coloco juntas de uma forma única tem função – como a ratoeira (essa é uma que eu sempre gosto). O argumento dele de que tenho que encontrar algo para dividir tudo em partes simples para montar de uma forma única é a ideia do design. Mas a ideia de um Designer pode ir imediatamente para o complexo e não montá-lo com partes simples.

Acho que ele está tentando encontrar uma solução naturalista para dizer que você tem que ter todas essas partes simples que poderiam ser colocadas de forma única e isso é design. Bem, Deus não fez assim.

Dr. Craig: A objeção aqui é que postular um Designer divino – Deus – é de alguma forma postular uma entidade muito complexa e que isso é censurável.

Aluno: Por quê?

Dr. Craig: Bem, porque então você postulou algo tão complexo para explicar algo complexo. Ele pensa que isso é ilegítimo. Como eu disse, isso levanta todas essas questões sobre simplicidade e poder explicativo que estão erradas. Mas, em qualquer caso, parece-me que ele está fundamentalmente incorreto em pensar que um Designer divino é uma entidade complexa. Os pensamentos dele podem ser complexos. Suas atividades podem ser complexas. Mas uma mente pura sem corpo não tem composição. Não é feita de partes. No máximo, talvez você possa dizer que tem faculdades diversas, mas ainda assim, é muito simples. Estou sugerindo que mesmo em seu argumento mal concebido (e eu realmente acho que é mal concebido) ele não demonstrou que um Designer divino é uma entidade complexa.

Pelo contrário, teólogos e filósofos geralmente diriam que Deus é muito simples.

Conclusão e bênção

Tudo bem, bem, com isso, estamos sem tempo. E então chegamos à nossa conclusão, então, de que a melhor explicação para o ajuste fino do universo é o design para que agora tenhamos um terceiro argumento em nosso caso cumulativo para a existência de Deus. Vamos encerrar com uma bênção. E agora, que o Deus de todo poder, que trouxe à existência o mundo do nada. Capacite vocês a viver uma vida santa e frutífera esta semana em seu serviço através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Referências

William Lane Craig. Lecture 17: Objections to the Design Hypothesis. Defenders3, Reasonable Faith, 2016.

Richard Dawkins, *The God Delusion* (New York: Houghton Mifflin, 2006), pp. 157-8.

See Defenders Series 2, Section 9, "Creation and Evolution" at <http://www.reasonablefaith.org/defenders-2-podcast/s9> (accessed January 27, 2016).

Ilustração atribuída no corpo; obra não identificada.

Nomes e posições referidos na discussão histórica; não foram inventados títulos de podcasts nem referências editoriais completas.

Notas editoriais da revisão

[1] [Certo: PDF p.149, nota126] A obra citada é Richard Dawkins, *The God Delusion* (New York: Houghton Mifflin, 2006), pp.157-158. O título literal utilizado pela legenda foi preservado na fala; a referência bibliográfica identifica o original, sem atribuir tradução publicada não consultada.

[2] [Certo: PDF p.153] O anúncio de podcasts e a controvérsia de Wheaton integram a fala histórica de 2016; não constituem promessa editorial atual de disponibilidade ou agenda.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-excursus-on-natural-theology/excursus-on-natural-theology-part-17>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-17/>